

Momentos e entretantos

Nuno Crespo

Há coisas que se agarram a nós e que nunca mais nos largam: cheiros, toques, sensações, imagens, pessoas. Este material, que no limite constitui a matéria de que é feita a nossa experiência com o mundo, é sempre originado nos nossos mensageiros exteriores: os nossos sentidos. A fotografia é, por excelência, a arte de agarrar nesses momentos: fugazes, instantâneos, momentâneos. Para além de gravar, registar e conservar a configuração de algo, a imagem fotográfica, enquanto veículo expressivo, possibilita fixar um horizonte de possibilidades de experiências. Não se trata da possibilidade de inverter o tempo, mas sim de consagrar o tempo que passa enquanto possibilidade de vivências. Como diz o fotógrafo Daniel Blaufuks: "Na fotografia não tens nem o princípio nem o fim. Apenas tens um momento, um entretanto" (em entrevista a Sérgio Mah). E é destes "entretantos" que se alimenta a imaginação na procura de imagens com sentido e a mão do artista na realização de experiências. _Se há coisa que podemos afirmar acerca do trabalho deste fotógrafo, é que a fotografia não lhe surge como ferramenta expressiva, como um meio que coloca ao seu dispor com a intenção de melhorar um efeito pretendido. Antes, a fotografia é o seu princípio e o seu fim, para ele a própria disciplina, com a sua história própria, são os elementos com que tece a sua compreensão e visão do mundo. Chamar-lhe fazedor de imagens não chega, porque não está simplesmente em causa a criação de entidades meramente plásticas e estéticas. A imagem serve-lhe, isso sim, enquanto possibilidade de experiência, enquanto possibilidade de criação. Trata-se, quase sempre, de experiências ficcionais e, logo, expressivas e nunca de tentativas documentais ou descritivas. As imagens que constrói, qual demiurgo na tentativa da formação de novos mundos, destinam-se a dar conta da sua própria experiência com aquilo que o rodeia.

Como ele o coloca: "Como artista, a única coisa que posso acrescentar ao mundo é ser tudo aquilo que vejo ou leio mais tudo aquilo que sou. E não posso ser outra pessoa." _Tanto os seus filmes, como as suas fotografias inserem-se na mesma lógica. E nesta exposição o filme "Traum" pode ser visto como uma síntese dos mecanismos perceptivos e composicionais presentes no trabalho de Blaufuks. A palavra alemã tanto pode ser traduzida por sonho e por trauma e esta indistinção e permeabilidade longe de ser uma falta de rigor por parte do fotógrafo, diz respeito à construção imagética que fazemos daquilo que nos rodeia. Um vídeo exemplar onde a sucessão das imagens, ao som de Shostakovich, é feita com uma cadência que mais lembra um poema que um filme. Memórias passadas e presentes, objectos e jornais, texturas sonoras e ambientes inscrevem este trabalho, bem como os outros desta exposição, numa zona feita de medos, antecipações, sussurros e sorrisos. Em qualquer dos casos trata-se de descobertas das paisagens que povoam a imaginação e o sentimento humanos.

_# _No Próximo Sábado _de Daniel Blaufuks _Carlos Carvalho
Arte Contemporânea _Rua Joly Braga Santos, Lt. F, R/C _1600-
123 Lisboa _Horário: de seg. a sex. das 10h00 às 19h30 _sáb. das
12h30 às 19h00 _Até 28 de Fevereiro